A Folia de Reis "Fulô da Mantiqueira" do Município de Itajubá – MG na Perspectiva da Geografia Cultutal

The Folia de Reis "Fulô da Mantiqueira" of Itajubá - MG in Geographic Cultural Perspective

Rosana de Cássia Pereira
Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas
rosana.pereiraa@yahoo.com.br

Evânio dos Santos Branquinho
Doutor em Geografia Humana e professor na Universidade Federal de Alfenas
esbranquinho@uol.com.br

Artigo recebido em 24/06/2015 e aceito para publicação em 05/10/2015

Resumo

A Folia de Reis Fulô da Mantiqueira localizada no município de Itajubá – MG é analisada levando em conta as questões de identidade, pertencimento, território e o processo de globalização da sociedade contemporânea. Este trabalho tem como objetivo relacionar a Folia de Reis com a Geografia Cultural e identificar a importância desta para a sociedade e o seu espaço, na busca de um maior reconhecimento desta manifestação folclórico-cultural. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa; no estudo de caso foi utilizada a história oral com entrevistas semiestruturadas para o melhor entrosamento com os entrevistados e assim ser possível obter informações mais ricas. Esta pesquisa foi feita sob o olhar de quem de alguma forma participa dessa manifestação, levando em conta a identidade cultural, religiosidade e simbolismo dos entrevistados.

Palavras-chave: Cultura; Folclore; Folia de Reis; Itajubá.

Abstract

The Fulô da Mantiqueira Folia de Reis is located in Itajubá, in state of Minas Gerais, it is analyzed considering certain issues such as identity, belonging, territory and the globalization process of contemporary society. This article aims to relate Folia de Reis with Cultural Geography and to identify its importance for society and its space, focusing on the recognition of this folkloric and cultural manifestation. In this paper was used a qualitative research method, in the study case was utilized oral stories with semi structured interviews in order to have a rapport with other participants, in this way it is possible to obtain richer information. Someone who participates of this event did this project and it approaches cultural identity, religiosity and symbolisms of the interviewed.

Keywords: Culture; folklore; Folia de Reis; Itajubá.

1. INTRODUÇÃO

A geografia cultural ao longo do tempo vem estudando as diversas culturas de uma sociedade, região, local; cultura esta que, vista por tal corrente, foi se recriando até se tornar o que é hoje, um conjunto de tradições e crenças de um grupo social que a partir dessa cultura contribui para articular a sociedade em que vive. Dentro dessas culturas há uma parte que leva o nome de Folclore, ou seja, o saber do povo, no qual se encontram as festas tradicionais religiosas, as folias de reis, as congadas,

que são manifestações que dependem de suas gerações futuras, pois são oralmente passadas de geração a geração e por esses e outros motivos estão desaparecendo.

A Folia de Reis abordada está localizada na cidade de Itajubá – MG, que foi palco de vários movimentos culturais folclóricos como algumas Folias de Reis, Catira, Festas Religiosas, Congada, Tambu, Recomendação das Almas, Canto de Trabalho, que não sobreviveram até os dias de hoje.

Sabemos que a cultura é uma herança e, portanto, é dependente da passagem de uma geração a outra, e também que deve ser constantemente construída no presente, porém, na cidade de Itajubá isso é cada vez menos frequente, os jovens e crianças mal sabem o que são esses movimentos culturais folclóricos que seus pais, avós, bisavós participaram. É deixado para trás a tradição que ali existia, perdendo-se em meio a outros processos identitários.

Mesmo diante do embotamento desta identidade, que podemos notar na maioria da população da cidade, ainda resta uma Folia de Reis viva, de tantas que ali havia. E diante disto, foi desenvolvida a pesquisa, com o objetivo de contribuir na busca de um maior conhecimento cultural, histórico e social, já que "as sociedades humanas são construções culturais cujas raízes estão mergulhadas na história" (CLAVAL, 2001, p.109).

Seguindo esta linha de pesquisa, o objetivo geral é através de pesquisas teórica e de campo conseguir entender como funciona o ritual da Folia de Reis, levando em conta seus propósitos, sua importância para os foliões e para quem a recebe; relacionar à Geografia Cultural, articulando a cultura popular com o conhecimento científico. A partir daí, mostrar a importância que essa manifestação tem para a sociedade e a cidade. Nesta relação, objetiva-se demonstrar como a variabilidade geográfica afeta as manifestações folclórico-culturais e analisar a questão da identidade que esta manifestação constrói. Essa pesquisa demonstra também que ainda há espírito de cooperação, consciência coletiva e estreitamento dos laços entre os indivíduos.

2. METODOLOGIA

Primeiramente foi realizada uma fundamentação teórica sobre a geografia cultural, identidade, território, territorialidade, cultura, folclore, Folia de Reis e religiosidade, para que a partir de então fosse possível estabelecer o eixo teórico da pesquisa e norteá-la.

Em relação aos procedimentos metodológicos, o método que corresponde mais aos objetivos da pesquisa foi o qualitativo, que tem como objetivo estudar as ações sociais individuais ou grupais, seu significado, motivações, valores e crenças; a partir desse método realizou-se o estudo de caso, levando em conta seus detalhes na procura do que há de mais essencial e característico na situação estudada. Foi utilizado o estudo de caso interpretativo, no qual se procura compreender o objeto em estudo pelo ponto de vista dos participantes; os integrantes da manifestação introduziram o

pesquisador no grupo e o deixaram com liberdade de observação, que neste caso é de observação participante. O pesquisador/observador passa a fazer parte ativa da manifestação, sendo a pesquisa descritiva com enfoque indutivo (BRANDÃO, 1999).

Utilizou-se também no âmbito do método qualitativo, a história oral, que é uma técnica voltada para a elaboração de novos documentos a partir de relatos e entrevistas de pessoas que de alguma forma tiveram uma participação na manifestação em estudo. Esta pode ser dividida em três gêneros: a tradição oral, a história de vida e a história temática, entre esses três gêneros utilizou-se a história oral temática, na qual a entrevista é realizada com um grupo de pessoas sobre um assunto específico e tem caráter de depoimento, os entrevistados tem uma participação na manifestação (CHIZZOTTI, 2006).

As entrevistas realizadas foram semiestruturadas, ou seja, algumas questões norteadoras de acordo com os objetivos da pesquisa foram previamente definidas e outras questões foram sendo feitas no transcorrer da entrevista e dentro do contexto apresentado pelos entrevistados, o que favorece as respostas espontâneas e uma proximidade maior entre entrevistador e entrevistado; nesse tipo de entrevista também foi possível fazer uso de recursos visuais, como fotografias, jornais, vídeos, como aconteceu e que deixou o entrevistado mais à vontade e reavivou melhor sua memória sobre o fato pesquisado.

As entrevistas foram realizadas no município de Itajubá – MG, entre dezembro de 2011 a janeiro de 2014, com os antigos participantes da Folia de Reis, com as pessoas recebem a folia anualmente em suas casas e com os atuais foliões. Foram entrevistados os moradores mais antigos, que viveram em outro contexto social, político, econômico, geográfico e que tinham uma percepção mais significativa da folia; pessoas que receberam regularmente a Folia de Reis em suas casas e que tiveram seus filhos e eles cresceram com a manifestação todo ano passando em suas moradias, sendo assim têm uma visão pessoal e de o que isso significou, e sabem apontar as mudanças que ocorreram ao longo dos anos até o momento presente; e entrevistas com quem está presente na Folia, uma percepção das condições atuais que se encontra e valorizam a importância dessa manifestação continuar viva. Como assinala Brandão:

As coisas mudam: nomes, lugares, pessoas, situações, passos de danças, significados do fazer religioso e festivo. Alguns símbolos se alteram e as explicações que os mais moços oferecem ao pesquisador para aquilo que fazem podem ter muito pouco a ver com as que os seus avós teriam para contar. (BRANDÃO, 2007, p. 56).

Além das entrevistas, também ocorreu a participação do pesquisador nos chamados "giros" da Folia de Reis, ou seja, o pesquisador saiu com a Folia pelas casas observando de perto como realmente funciona o ritual e qual a reação das pessoas que recebem a manifestação em suas casas. Isso foi feito na forma de observação, sem a intervenção do pesquisador na manifestação, deixando-

a ocorrer com naturalidade. Para interpretação desta parte da pesquisa, foi utilizada a Fenomenologia e a Semiótica.

A Fenomenologia estuda os processos que são construídos pelas práticas e ações humanas e suas experiências, como crenças, artes, técnicas, valores morais. "Quando se trata da reflexão fenomenológica, a objetividade científica não está ausente, porém procura trazer o mundo da ciência ao munda da vida, das experiências humanas, do seu cotidiano" (ROCHA, 2002/2003, p. 71). Como a pesquisa também enfocou a crença de muitos indivíduos, além da arte, foi indispensável este método para melhor entendimento da manifestação.

Conforme apresentaremos na pesquisa, na Folia de Reis existem muitos símbolos que contém diversos significados, como o sagrado, por exemplo, e para que se pudesse fazer uma pesquisa completa foi utilizado também a Semiótica, pois os signos expressam algo que tem uma representatividade para alguém e que depende da interpretação de cada sujeito e de sua experiência de vida (ROCHA, 2002/2003).

Foram utilizados também registros fotográficos, seguindo uma ordem cronológica sobre a história da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, o que foi útil para mostrar as transformações que a manifestação sofreu durante sua história. Essas fotografias foram retiradas do acervo histórico da própria Folia de Reis, e as mais recentes, dos trabalhos de campo realizados.

3. ACERCA DE CULTURA, FOLCLORE, RELIGIOSIDADE, IDENTIDADE CULTURAL E TERRITÓRIO

Os conceitos discutidos a seguir são considerados com base numa visão cultural, social e humana, para melhor se adequarem ao tema em estudo.

Cultura

A cultura já foi considerada como sendo independente dos homens, ela gerava suas próprias formas, não se acreditava que a cultura poderia ser reduzida ao indivíduo.

(...) A cultura é em grande parte, um sistema autônomo, virtualmente "supra-orgânico" que funciona e se expande a partir de sua própria lógica interna e um suposto conjunto de leis... e assim o faz com um grande grau de liberdade do controle comunitário ou do indivíduo (ZELINSKY *apud* CORRÊA; ROSENDAHL, 2010, p. 71)

Contudo, sabemos que a cultura não é mais vista desse modo, é agora considerada um conjunto de tradições e crenças, no qual as pessoas transformam o cotidiano em símbolos significativos que eles dão sentido e valores e que influencia os indivíduos no seu modo de pensar e se comportar, já

que a cultura nos é ensinada/passada nos nossos primeiros anos de vida, isso de geração a geração. A cultura então é feita por práticas humanas e pela consciência e ao mesmo tempo o que as determina.

A cultura também serve para unir os aspectos fundamentais do ser social, como o trabalho, a consciência, as ideias, crenças, ordem moral e valores, que faz com que os indivíduos se tornem cientes de si mesmo e assim faz com que haja uma organização social diferente em cada região.

A cultura é uma criação coletiva e renovada dos homens. Ela molda os indivíduos e define os contextos da vida social que são, ao mesmo tempo, os meios de organizar e de dominar o espaço. Ela institui o indivíduo, a sociedade e o território onde se desenvolvem os grupos. As identidades coletivas que daí resulta limitam as marcas exteriores e explicam como diferentes sistemas de valor podem coexistir num mesmo espaço (CLAVAL, 2001, p. 61).

Nesta pesquisa foi utilizada como base para uma discussão teórica o conceito de cultura voltado para a manifestação, Folia de Reis, existente em Itajubá - MG, que une as pessoas e as comunidades para compartilhar suas crenças e saberes que são de grande importância para cada um. "As festas manifestam-se por procissões, danças, música, espetáculos. Cada um é por sua vez ator e espectador e vive um momento de intensa emoção, de comunhão e de evasão. O sentimento do pertencer coletivo é, então, muito forte" (CLAVAL, 2001, p. 13).

Folclore

Este termo foi empregado pela primeira vez pelo arqueólogo inglês William John Thoms em 1856, que era a junção de *folk-lore*, onde *folk* significa povo e *lore* quer dizer conhecimento. Sendo assim, folclore pode ser definido como uma área do conhecimento que estuda as manifestações do saber popular. Mas apenas 32 anos após Thoms ter usado este termo pela primeira vez é que foi fundada uma Sociedade de Folclore, que considerava como objetos de estudos as narrativas tradicionais, os sistemas e formas populares de linguagem, os costumes tradicionais e os sistemas populares de crenças e superstições, eram excluídos os produtos e seu processo de produção deste saber.

O folclore é na verdade tudo aquilo que vem da forma de pensar e sentir o mundo, são também costumes e regras de relações sociais, expressões materiais do saber, agir, como por exemplo, os poemas, lendas, contos, canções, toadas, saberes, modos de trabalhar com a natureza, danças, costumes tradicionais, crendices, superstições, jogos, artefatos e provérbios, além de se fazer presente nas artes e nas mais variadas manifestações da atividade humana. "Pode-se dizer que ele traduz ao vivo a alma de uma raça, pois é específico e genuíno no seio de cada povo, distinguindo-o das outras coletividades" (MEGALE, 2001, p. 12).

E com isso podemos perceber que o folclore tem uma grande influência na nossa maneira de pensar, sentir e agir, já que toda sociedade participa da criação de seu folclore, pois "ele resume as tradições e esperanças das coletividades" (MEGALE, 2001, p. 13).

O folclore é criado por um indivíduo ou um grupo de indivíduos, porém, muitas vezes esse criador de um fato folclórico é esquecido já que esse saber é transmitido oralmente ou por imitação de geração a geração e muitas vezes sofre modificações neste caminhar, já que há mudanças no modo de vida e no território por onde esse saber é transmitido, portanto, muitos dos saberes folclóricos acabam se tornando de "domínio público", já que seu criador fica perdido no tempo. "No entanto, tudo é movimento em qualquer tipo de cultura, exista ela no interior de uma classe ou no território ambíguo da passagem de uma à outra" (BRANDÃO, 2007, p. 38).

Uma das características mais importantes do folclore é a persistência, pois o que é criado e recriado se congrega aos costumes da comunidade e são transmitidos aos descendentes dos indivíduos que vivem e viveram as manifestações folclóricas e isso nos mostra que apesar de estar sempre sendo recriado ele é ao mesmo tempo consagrado. Isto permite concluir que "o folclore é vivo" (BRANDÃO, 2007, p. 48).

O conhecimento do folclore ajuda a compreender melhor os problemas sociais, já que é o reflexo dos conhecimentos dos nossos antepassados que é transmitido para a geração moderna. Megale (2001, p. 17) afirma que "somente o que é popular é folclórico e o folclore é o retrato vivo dos sentimentos populares e das relações do povo ante as transformações sociais".

Religiosidade

Como a pesquisa tem um enfoque geográfico, aborda-se o conceito nesta perspectiva. É importante ressaltar que a manifestação folclórica-religiosa vem do cristianismo, assim, toda a abordagem sobre religião feita nesse trabalho tem como base essa teologia.

Os estudos sobre religião em geografia normalmente têm uma perspectiva cultural, estuda-se dois pontos principais, o sagrado e o profano.

Eram considerados sagrados apenas os objetos, lugares, porém, com a nova concepção de cultura e folclore, algumas experiências humanas também começaram a ser consideradas sagradas, e essas experiências estão articuladas às práticas culturais de um grupo religioso, no qual os devotos demonstram o desejo de ir ao encontro da divindade. "Não devemos nos deter em descrever os bens simbólicos que existem nos lugares, mas saber o que esses bens significam para seus usuários" (CORRÊA; ROSENDAHL, 2010, p. 189).

Os lugares sagrados podem ser físicos ou imaginários, ou seja, podem ser uma igreja ou uma experiência de vida que se repete, por exemplo.

O lugar sagrado é o lugar simbólico, lugar que unifica os grupos humanos quanto aos valores religiosos, no sentido etimológico de *religare*, ou em outras palavras, a junção dos homens no domínio do sagrado e, portanto, vinculados com a divindade além da vida terrena (CORRÊA; ROSENDAHL, 2010, p. 207).

O profano é tudo o que não envolve crença, divindades, símbolos, lugares e experiências religiosas. As experiências religiosas vividas podem ser individuais ou coletivas. As individuais acontecem quando a fé é vivenciada em uma relação direta entre o crente e a divindade; já as coletivas acontecem quando as crenças, os valores simbólicos e as atitudes tornam-se comunitárias, ou seja, há uma conexão entre um grupo de indivíduos que compartilham uma mesma visão e costumes.

A religião é estudada como um sistema de símbolos e seus valores e a dinâmica de sua produção, isso envolve as dimensões econômica, política, social e simbólica. Portanto, é preciso analisar a sociedade, a comunidade, a cidade juntamente com sua religiosidade para que se possa ter um estudo mais completo.

A maioria dos ritos vem de uma religiosidade, já que neles normalmente há uma devoção a algo ou alguém, que seria a divindade.

Para os indivíduos, a religiosidade serve para melhor entenderem a sociedade e o sobrenatural, é lá que as pessoas encontram apoio quando não tem mais nada e também se cria uma identidade. Há uma necessidade humana de ordem, orientação de algo que é maior que tudo e todos, por isso se torna religioso (VAN DER POEL, 2013).

Identidade cultural

A identidade pode ser vista como a posição que o indivíduo tem na sociedade, que está relacionada à atribuição de valores, ou seja, o status. Assim sendo, participar de alguma manifestação folclórica-cultural pode trazer junto o sentimento de pertencimento, a construir uma identidade mais plena, que muitas vezes esse indivíduo tem apenas precariamente. E isso leva a uma perda da autoestima, da consciência coletiva, a não criar laços mais efetivos com outras pessoas. O que repercute na própria sociedade, já que ela é constituída por indivíduos que não se acham parte dela.

Podem ser considerados como afirmação de uma identidade cultural os símbolos coletivos de uma região, país, comunidade, cidade, como por exemplo, hinos, bandeiras, a língua, as festas tradicionais, as danças.

A imagem a partir da qual é construído o sentimento de identidade tem na maior parte do tempo outros fundamentos: baseia-se na ideia de uma descendência comum (Lafazani, 1993), de uma história assumida em conjunto ou de um espaço com o qual o grupo assume elos quase místicos (CLAVAL, 2001, p. 179)

Território

É possível afirmar que a ideia de cultura não pode ser separada da ideia de território, uma vez que a existência deste pressupõe relações culturais. Nesse sentido, o território constitui-se como um sistema e um conjunto de símbolos (RAFFESTIN, 1993, p.151), é algo vivido, subjetividade, afetividade, em que se cria uma identidade cultural, ou seja, o território é enraizamento. Não é um local onde se constrói apenas um controle físico, mas laços de identidade social e cultural. Ele não necessita de limites concretos, pode ser um território imaginário ou simplesmente não ter fronteiras. É uma parte de um espaço onde se compartilha uma mesma identidade e consequentemente reúne indivíduos com o mesmo sentimento. É o palco onde ocorrem as manifestações de caráter cultural, como manifestações folclóricas, religiosas, musicais, cinematográficas, literárias, formando diferentes territorialidades e identidades nos lugares

(...) vendo o território como fruto de uma apropriação simbólica, especialmente através das identidades territoriais, ou seja, da identificação que determinados grupos sociais desenvolvem com seus 'espaços vividos' (HAESBAERT, 2002, p. 120).

A partir de um território formado, é possível que haja uma desterritorialização, quando por motivos econômicos, políticos, sociais, religiosos. Do ponto de vista cultural, é entendido como um desenraizamento simbólico-territorial. Haesbaert, classifica como "não-territórios":

Estes "não-territórios", culturalmente falando, perdem o sentido/o valor de espaços aglutinadores de identidades, na medida em que pessoas não mais se identificam simbólica e afetivamente com os lugares em que vivem, ou se identificam com vários deles ao mesmo tempo e podem mudar de referência espacial-identitária com relativa facilidade (HAESBAERT, 2002, p. 131).

Não esquecendo, a partir do autor referido, que a desterritorialização numa escala implica geralmente uma reterritorialização em outra escala, conforme podemos observar no tema em estudo.

4. FOLIA DE REIS FULÔ DA MANTIQUEIRA: UMA DESCRIÇÃO E ANÁLISE

A descrição e análise formuladas aqui são com base nas entrevistas realizadas e por observação do pesquisador em trabalho de campo. A Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, está localizada no município de Itajubá, que se situa no sul do Estado de Minas Gerais (Figura 1), na encosta da Serra da Mantiqueira, berço de muitas manifestações populares. Ocupa uma área de 295 km² de extensão, com população de 90.658 habitantes. Segundo o Censo de 2010 do IBGE, na zona rural há 7.894 pessoas residentes e na zona urbana há 82.764 pessoas residentes.

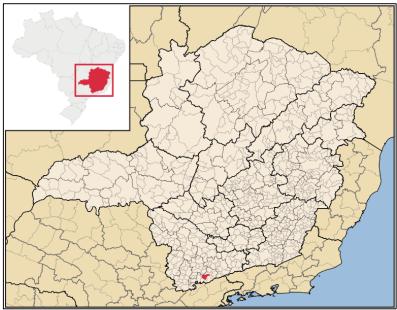


Figura 1: Localização do município de Itajubá no estado de Minas Gerais **Fonte**: Raphael Lorenzeto de Abreu.

Devemos considerar que as descrições feitas aqui são especificamente dessa manifestação, ou seja, as folias de outros territórios não são necessariamente iguais a esta.

A Folia de Reis Fulô da Mantiqueira foi criada em 1987 por Luíz Fernando Ribeiro (Bré) e Ronaldo José Pereira, sendo que nenhum dos dois tinha conhecimento sobre como funcionava essa manifestação, apenas tinham ouvido falar sobre. Na época havia algumas outras folias nas cidades vizinhas e na zona rural do próprio município, então eles fizeram primeiramente uma pesquisa bibliográfica para saberem realmente do que se tratava e depois foram até os mestres dessas outras folias para entenderem melhor como funciona o ritual, suas regras, símbolos, canções e formação, já que sabiam que essa manifestação sofre modificações conforme o local em que se encontra. Os mestres que eles visitaram para colher informações foram: o Tião Mira, mestre da folia do bairro do Centro, perto de Campos do Jordão; o Tião Leopordino, mestre da folia do bairro da Mata, que pertence ao município de Maria da Fé; o Sô Vardomiro, da folia do bairro do Juru, no munícipio de Itajubá; e Seu Afonso Pézão, mestre da folia do bairro da Berta que pertence ao município de Itajubá.

A Folia do Seu Afonso Pézão havia acabado e com o intuito de manter a tradição Bré e Ronaldo utilizaram seus versos, que era centenário – Seu Afonso Pézão tinha aprendido com o antigo mestre e só ele tinha 46 anos de folia. A esses versos ditados pelo mestre, Ronaldo, juntamente com o músico Paulinho Cascardo, fizeram uma nova melodia, o que fez com que essa folia que nascia já tivesse sua própria identidade.

Após essa pesquisa, eles convidaram algumas pessoas a entrarem para o grupo e o primeiro convidado foi Giovanni Guimarães. Como na região da Serra da Mantiqueira há palhaços na folia, foi convidado o Zé Rita, antigo palhaço também da folia do Seu Afonso Pézão, ele era professor de palhaço e um dos melhores que já teve na região. Aos poucos foi se formando a folia, a sua

composição principal da época era a seguinte: Mestre Bré, Contramestre Ronaldo, violão Giovanni e mais algumas pessoas, bandeireiros Zé Barbeiro e Sô Antônio Leão, que também foi da folia do Seu Afonso Pézão, e palhaço Zé Rita. Ela era formada por um conjunto de pessoas que estavam começando na folia e outras que já haviam participado de alguma Folia de Reis e já tinham um maior conhecimento e experiência, e isso ajudou muito na formação dessa nova folia.

A manifestação tinha como sede o bairro chamado Medicina, já na transição para a zona rural, onde havia uma igreja que foi sendo construída quase concomitante com a folia. E era ali que as festas da folia eram feitas.



Figura 2. Antigos foliões e palhaços da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. **Fonte**: Acervo histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1989.

Essa composição durou catorze anos, mas aos poucos, por motivos diversos, foram saindo alguns foliões, inclusive o mestre da época. Mas pelas experiências vividas por quem fez parte dessa manifestação folclórico-religiosa, a folia voltou à ativa com algumas mudanças em sua composição que vem até os dias de hoje, com acréscimo de algumas pessoas. Mudou também sua sede, que agora é no bairro rural chamado São Pedro, mas ainda no município de Itajubá, foi escolhido um bairro rural pois é onde a folia se identifica mais e onde há uma maior valorização dessa manifestação. Em sua existência, a Folia ficou inativa por dois anos (2009-2010), por motivo de saúde de seu atual mestre.

Essa folia também tem como objetivo abençoar a casa e a família que vive nela e em troca arrecadar prendas (os ajutórios, como cantam os foliões), podendo ser em dinheiro ou alimentos, porém, a arrecadação de prendas não é o objetivo central da Folia de Reis e por isso, caso a família não tenha condições para ajudar, a Folia entra e os abençoa da mesma maneira. Esses ajutórios são arrecadados para fazer a Festa da Folia, que será explicada mais adiante.

"Nós cantamos por dinheiro Por comida, por pousada Por amor se alguém nos pede E não pode nos dar nada..." (Ivan Lins)

A Folia é composta pelo Mestre, Contramestre, Bandeireiros, Palhaços, violeiros, caxeiros, pandeireiros, ganzazeiros, e as vozes, divididas em: tala, as vozes mais graves; turina as vozes médias; requinta, as vozes mais agudas. O atual Mestre é o Ronaldo Pereira, antigo contramestre, e o atual Contramestre é o Giovanni Guimarães.

Há uma regra quanto à ordem dos foliões dentro da folia. Primeiramente vêm as bandeiras, já que elas representam o sagrado; logo atrás vêm os Palhaços; em seguida os violeiros com o Mestre e o Contramestre os guiando; depois vêm os foliões que contribuem nas vozes; após vêm o acordeom; e finalmente vêm as caixas, pandeiro e percussão.

A região abrangida pela folia de reis é a Serra da Mantiqueira, principalmente os bairros rurais, mas é feito também em bairros da zona urbana onde são visitados os antigos foliões e quem há muito tempo gosta e recebe a folia. Os bairros onde tradicionalmente se realizam os "giros" são os seguintes: na área urbana o bairro Medicina do município de Itajubá e algumas casas do município de Wenceslau Braz; na zona rural os bairros São Bernardo do município de Piranguçu, Bicas e Barreirinho do município de Delfim Moreira, Ponte de Zinco do município de Wenceslau Braz, São Pedro do município de Itajubá, estância do município de Delfim Moreira. A maior parte do "giro" da folia é feita na zona rural, pois é onde há uma maior receptividade, crença e respeito, lugar onde a folia é vista muito mais como rito religioso. Além disso, há uma condição muito melhor para os foliões, é mais fresco, já que estes passam horas tocando, cantando e dançando. Nas áreas urbanas, há maior dificuldade para que esse "giro" aconteça, já que muitos não têm pleno conhecimento do que é esta manifestação e o que ela representa e, portanto, não há muito interesse e receptividade, além do ritmo de vida na zona urbana o que leva as pessoas a não receberem a folia em suas casas.

Em relação às temporalidades diferentes envolvendo o urbano e o rural, Bagli (2006, p. 86) assinala que:

No urbano, a efemeridade se expõe e a mudança se expressa de forma mais contundente. O tempo é predominantemente ritmado pela lógica do intenso movimento, embora isso não seja regra para todos os espaços urbanos. No rural, a mudança é aparentemente pouco perceptível, e o tempo segue a cadência natural, embora com incursões de um tempo mecânico, mas que não se sobrepõe. Diferencialidades que se expressam na construção dos hábitos e na forma de se relacionar com a terra.

A trajetória feita pela folia é antecipadamente traçada, uma pessoa do bairro ou um folião fica responsável por perguntar no local quem vai querer receber a folia e então passar a relação de casas para o mestre, mas essa trajetória muitas vezes sofre modificações durante o rito, normalmente

aumenta o número de casas a pedido de pessoas da vizinhança que não conheciam, ou pessoas que viram o ritual nas casas vizinhas, e por pessoas que não estavam em casa quando alguém saiu perguntando quem queria receber a folia.

É possível perceber como a manifestação constitui um território, onde estão presentes bairros de várias cidades ao redor da cidade sede. Esses bairros na época em que a Folia de Reis sai em seu giro acabam se tornando o território dessa manifestação, onde os indivíduos de que dela participam, sendo foliões ou a recebendo, criam um vínculo afetivo e emocional com o local, além de criar uma identidade sendo o "bairro que a folia visita", por exemplo, há aí um sentimento de pertencimento dos dois lados, quem faz e quem recebe.

E fazê parte dessa, dessa folia é... e fazê parte dessas pessoas que são visitadas por ela, cria um novo, um novo... é como se a gente fosse de uma, de um novo, de uma nova cidade em que a folia trabalha, a folia vai e visita todo ano, são tradicionais, a folia é recebida com café, a folia ganha almoço, a folia ganha pouso se precisá, então, de pessoas da região. Então, institui-se uma comunidade que faz parte dessa folia. Quando a folia chega num local é uma coisa impressionante! o bairro inteiro para e a gente vai visitano as casas, na maioria dos bairros alguns dos moradores vão acompanhando a folia, vão engrossano a folia e a folia faz é... promove uma verdadeira festa no bairro onde passa! E tem uma coisa em particular que é muito interessante, que alguns membros das comunidades que viram foliões quando a gente vai no bairro deles, um deles que é muito especial é um menino que tem síndrome de down, que chama Paulinho, num bairro que chama Barreirinho que pertence a Delfim Moreira, ele pega o pandeiro dele e vira folião, vai com a gente em todas as casas e canta e toca e se alegra. Então isso tráis um bem-estar, essa coisa do... cê vê que até pra ele essa coisa do pertencimento (Ronaldo Pereira – Mestre da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira)

Com toda essa bagagem de identidade e pertencimento que essa manifestação folclóricoreligiosa carrega também em relação às pessoas que a recebem, durante o seu "giro" se alguma pessoa
pedir para que a folia vá à sua casa, a mesma não pode negar, já que para muitas pessoas a folia leva
o sagrado, a benção, e seria uma ofensa imensurável se fosse negado abençoar a casa e a família que
ali vive, e isso não somente em relação aos foliões, mas também aos Três Reis Magos, uma vez que
a folia os representa. Além disso, negando um pedido é como se tivesse proibindo ou negando a
entrada da pessoa a essa identidade cultural coletiva, como se a pessoa não pudesse pertencer a esse
grupo, o que acarretaria constrangimentos. Há relato de uma pessoa que a folia não foi em sua casa,
e a dona da casa a estava esperando e quando notou que a folia passou pela vizinhança e não foi em
sua casa, passou a noite toda chorando, pois gostava muito dessa manifestação, e o filho acabou por
relacionar a Folia de Reis como algo que não faz bem, isso nos mostra o significado que a
manifestação carrega. Por isso a folia toma esse cuidado para com as pessoas, até mesmo para que
haja sempre uma crescente e boa receptividade nos bairros onde a folia passa.

Outro detalhe acontece quando a Folia de Reis está na rua e alguém lhe oferece um ajutório, então todos os foliões se voltam para a pessoa que ofertou o dinheiro ou o alimento e cantam os versos em agradecimento, para só depois continuar seu giro, abençoando assim a pessoa que ofertou.

Apresentado as informações gerais sobre a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, explica-se alguns de seus símbolos principais.

Uniforme

Os foliões são uniformizados para chamarem mais atenção e para haver uma diferenciação com relação a quem os recebe. A vestimenta é camisa para os homens e bata para as mulheres ambos de cetim amarelo para o dia da Festa da Folia (Figura 3) e camisa xadrez para os homens e bata florida para as mulheres, nos dias de "giro" da folia (Figura 4). Esses uniformes foram feitos em parte com o dinheiro arrecado nos "giros" e parte com o dinheiro dos próprios foliões, já que na folia há pessoas com diferentes níveis de rendimento e alguns deles não têm muita condição financeira, portanto, tomam esse cuidado para que todos consigam ter as coisas necessárias, e mesmo assim quando alguém não tem condições para comprar algo, os outros foliões que têm essa condição se juntam e compram o que for necessário, na medida do possível.



Figura 3. Última formação da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira (incompleta) – Bairro Bicas, Delfim Moreira.

Fonte: Rosana Pereira, 2013.

Isso mostra a consciência coletiva que essa manifestação gera em seus membros já que todos sempre têm os mesmos direitos e dá-se um jeito de não haver nenhum tipo de exclusão. Podemos notar também a volta dos mutirões, que antigamente havia muito nas zonas rurais, os quais todos ajudavam quando alguém da comunidade estava passando por dificuldade, nota-se isso quando há a junção de vários foliões para a compra de algo que algum deles não tem condições.

Os palhaços têm sua roupa específica, que será explicada mais adiante.

Mestre e Contramestre

O Mestre da Folia é quem organiza tudo. Puxa as músicas, improvisa os versos, marca as reuniões, toma decisões, organiza juntamente com os outros foliões e a comunidade a Festa da Folia de Reis (Figura 4). O Contramestre é quem ajuda o Mestre em todas as suas funções.



Figura 4. Ronaldo Pereira, mestre da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira – Bairro São Pedro, Itajubá.

Fonte: Paulo Plá, 2014.

Palhaços e o ajutório

Nesse território onde está localizada a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, todas as folias têm a figura do palhaço, que leva o nome também de marungo, bastião ou mascarado. Especificamente na folia estudada aqui se utiliza o nome de Palhaço.

Os palhaços são atores importantes na apresentação da Folia de Reis, eles representam os soldados de Herodes, disfarçados que foram atrás dos Reis Magos para descobrir onde estava o menino Jesus e contar para ele, para que pudesse ir matá-lo, pois havia uma profecia que dizia que o menino Jesus seria rei, ou seja, seu concorrente. Por isso Maria e José fugiram. Essa profecia também dizia que uma estrela anunciaria o nascimento do menino Jesus, a Estrela Guia, e os Reis Magos iam acompanhar a estrela para chegar até lá, por isso mandou seus soldados seguirem os Reis Magos. O palhaço simboliza então o profano.

Por esse motivo, quando o palhaço chega a alguma casa que há um presépio com o menino Jesus, ele se ajoelha de cabeça baixa em frente ao presépio e só se levanta quando o Mestre da Folia declamar os versos que anuncie o nascimento do menino Jesus e o "libere" ("Pula meu palhaço, que já nasceu o menino Deus!").

Além disso, é o palhaço que faz a comunicação direta com as pessoas que recebem a Folia de Reis, ele que fica pedindo os ajutórios, brincando com todos, recebe o ajutório e entrega à sacoleira,

que no caso é uma das bandeireiras. E se for preciso ele explica o que o dono da casa tem que fazer, já que muitas vezes não sabe como funciona o ritual da Folia de Reis.

Quando se trata das prendas/ajutórios, como já foi dito, pode ser em dinheiro ou alimentos, estes ajutórios são arrecadados para a realização da Festa da Folia de Reis. Quando o ajutório é dado em dinheiro e nas mãos do Palhaço, a Folia agradece a quem deu o ajutório e sua família, abençoando a todos em festa; já quando o ajutório é colocado no chão, o Palhaço não pode colocar a mão, o dinheiro é pego com ajuda de colheres ou palitos, já que este ajutório é abençoado, pois foi ofertado em nome de alguém que já faleceu e o palhaço representa o profano, e então a Folia agradece cantando com versos próprios para essa ocasião e bem baixinho, em respeito ao falecido e o Palhaço entrega o dinheiro, ainda sem colocar as mãos à bandeireira. Já quando é dado alimento, a Folia agradece com versos próprios para essa ocasião e novamente em festa. Se a família não tem condições de dar o ajutório, a Folia agradece mesmo assim por recebê-los em sua casa e os abençoa, já que para a Folia de Reis o mais importante é a troca de boas intenções que existe entre os foliões e a família que os recebe.



Figura 5. Palhaço recebendo o ajutório do dono da casa. **Fonte**: Rosana Pereira, 2014.

Bandeiras/Estandartes

As bandeiras/estandartes também são de grande importância, nessa folia há três bandeiras: uma com todo o contexto do nascimento do menino Jesus incluindo os Reis Magos; uma com o Divino Espírito Santo; e outra com a Sagrada Família. São elas que representam o sagrado, que abençoam. Por isso quando a Folia chega a alguma casa, os donos da casa levam as bandeiras a todos os cômodos para abençoar e muitas vezes deixam em um deles enquanto a Folia faz sua parte.

Nota-se essa importância também dentro da Folia, pois o estandarte vai à frente de todos os foliões e nenhum deles pode passar na frente, por motivo algum, pois seria um desrespeito ao sagrado.



Figura 6. As três bandeiras da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.

Fonte: Paulo Plá, 2014.

Canções/Versos

Como foi referido, alguns versos dessa Folia foram resgatados de outra que já não existe mais, porém, puseram-se neles novos arranjos, ganhando assim as características dessa nova folia. Já outras canções utilizadas são do cancioneiro popular como Elomar Figueira Melo, Ivan Lins, Vitor Martins, Pena Branca e Xavantinho.

Essa folia, como sobreviveu a todas as mudanças nas sociedades e nos indivíduos que habitam, foi se adaptando e se tornando um pouco mais animada, com melodias mais ritmadas, para chamar mais atenção de quem ouve e para que outras pessoas se interessem e se tornem foliões.

Nota-se a ação da modernização nessa manifestação, não diretamente já que ela continua sendo folclórica e mantendo relativamente sua tradição, mas indiretamente, pois buscou se adaptar para que pudesse sobreviver; como ter que fazer seu "giro" durante às noites nos dias de semana, já que todos os foliões trabalham durante o dia; migrar parar a zona rural novamente, pois poucas pessoas na zona urbana se interessam e têm tempo para receber a Folia.

Além disso, essas mudanças influem na percepção dos indivíduos. Na sociedade global contemporânea, a compressão das relações espaço-temporais, vive-se um tempo acelerado, de

diversos afazeres e inseridos em uma cultura massificada, que de acordo com Harvey (2004, p. 97), "(...) sugerem uma nova fase de interpenetração cultural (caracterizada pela rapidez e volatilidade), com importantes consequências sobre as formas de pensamento e compreensão".

As manifestações tradicionais perdem espaço, uma vez que há tanta informação sobre coisas novas e interconectadas, que encantam pela sua dinâmica, e por não ser mais regional e sim mundial. Não obstante, ainda segundo Harvey, o problema não é tão simplista no sentido de uma mera homogeneização numa cultura global: "Há abundantes sinais da existência de todo gênero de contramovimentos que variam da propaganda da diversidade cultural como mercadoria a intensas reações culturais à influência homogeneizadora dos mercados globais e estridentes afirmações da vontade de ser diferente e especial" (HARVEY, 2004, p. 97).

Carlos (1996, p. 66) identifica um processo de estranhamento/reconhecimento nas relações espaço-temporais com o avanço de uma sociedade produtivista e, portanto, com implicações na memória social:

Vivemos, hoje, sob a égide de um novo tempo, marcado pelo tempo abstrato imposto pela sociedade produtivista que determina a vida de relações e as possibilidades dos encontros. Espaço e tempo são cada vez mais, no contexto das transformações do processo produtivo, dominados pela troca. O desenvolvimento do capitalismo, no estágio atual, tende a reduzir as diferenças e homogeneizar a sociedade, reduzindo-a a um mesmo modelo. Aqui espaço e tempo entram numa ordem: o tempo associado ao ritmo do processo de trabalho, preso a um calendário rígido e o espaço dominado por fluxos de mercadorias, capitais e informações. Ao se reproduzirem destroem as referências urbanas e, como consequência, a memória social (CARLOS, 1996, p. 65).

E isso é notado pelos próprios foliões:

A folia nossa sempre tem essa característica. Porque as folias desaparecem na nossa cidade, intão o conhecimento sobre a folia e a aceitação dessa folia, o recebimento dessa folia é... ficaria, entre aspas, comprometida. Então a gente optô por trabalhá um ritmo que ele pode ser acelerado um poco ou pode ficá mais lento e tal, dependendo do lugar, da pressa, de tudo que compõe esse estado de coisas, a gente pode... a gente pode fazê essa, essa variação e deixa-la com um... jeito um poco mais, mais... como eu poderia dizer... um formato mais pra cima assim. Que as folias às vezes eram, eram, as melodias eram chorosas e lembravam lamentações e tal, os ritmos bem dolorosos. Então, a gente nota que mais pro norte, nordeste a folia tem essa coisa de ter um ritmo mais consistente, mais acelerado, a gente ficô no meio do caminho, entre esse ritmo mais do norte, mais nordestino e o ritmo das nossas folias aqui. E a gente agrega junto a esses ritmos é... trechos do cancioneiro popular que fala a respeito de folia. (...) então a gente vai dano uma dinâmica dentro da casa pra que as pessoas que não conhecem a folia se contagiem tamém com essas canções que são muito bunitas, muito ricas, com os versos que são bunitos, que são ricos e daí traiz uma alegria tamém pra casa, além da bênção que a bandêra leva. (Ronaldo Pereira – Mestre da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira)

As canções são as "falas" dos foliões com os donos da casa, tudo é feito através das canções, o pedido de licença para entrar na casa, quando se pede o ajutório, o agradecimento pelo ajutório e por receber a folia em sua casa, a benção da casa e da família, quando pedem a bandeira de volta, quando vão se despedir. E algumas dessas situações pedem o improviso, pois algumas das canções

levam o nome das pessoas ou improvisa-se com a função que o dono(a) da casa tem ou teve na folia ou fora dela que tenha a ver com a situação, há casos também em que o mestre improvisa versos inteiros para agradecer pelo ajutório. Nas canções são usadas algumas palavras, como as pessoas do interior e da zona rural dizem, para estreitar ainda mais os laços da folia com as pessoas que as recebem, já que a maioria das pessoas da região fala assim por ser uma cidade do interior e relativamente pequena. Segue abaixo alguns trechos de alguns dos versos utilizados por essa folia:

Verso para pedir licença aos donos da casa:

"Meu patrão, minha senhora Com licença de micêis Nóis cheguemo aqui agora Viemo nunciá os Santos Reis..." (Elomar Figueira Melo)

Verso para anunciar o nascimento do menino Jesus:

"25 de dezembro mêis de muita alegria Ai, ai... Nasceu menino Jesus Filho da Virgem Maria Ai, ai..."

Verso para quando a folia já está dentro da casa e abençoa a todos:

"Uma porteira fechada se abri com benzimento Ai, ai... Pai, Filho, Espiríto Santo Já estamos todos bento Ai, ai..."

Verso para pedir o ajutório:

"Nobre dono(a) dessa casa repare no meu cantar (2x) Ai, ai...
Pedimos um ajutório veja lá se pode dar Ai, ai...
Veja lá se pode dar..."

Uma das formas de agradecer a oferta dada pelo dono(a) da casa:

"Agradeço a oferta dada com muita alegria (2x)
Ai, ai...
Se derrame todas as benção pra patroa/patrão e a família
Ai, ai...
Pra patroa/patrão e a família
Ai, ai..."

Em agradecimento à oferta oferecida em nome de alguém que já faleceu, o palhaço pergunta para a pessoa que ofereceu em nome do falecido, qual era o nome dele e então é falado no meio da música:

"Ó Jesus compadecido
Foi a terra quem desceu
Ai, ai... (2x)
E depois de falecido "João" ofereceu
Ai, ai...
O "João" ofereceu
Ai, ai..."

Verso para abençoar a casa e a família:

"A bandeira acredita Que a semente seja tanta Que essa mesa seja farta Que essa casa seja santa Ai, ai..." (Ivan Lins e Vitor Martins)

Quando a casa visitada tem a imagem de alguma Nossa Senhora, a folia canta uma canção da congada:

"Viva a Nossa Senhora
Viva a Nossa Senhora
Com seu bento fio levando a coroa
Ê viva a Nossa Senhora
Dona da casa sua casa cheira
Dona da casa sua casa cheira
Cheira cravo e rosa
Flor de laranjeira..."

Quando a folia pede a bandeira de volta para ir embora:

"É noite de alegria
Os anjos cantam amém
Ai, ai... (2x)
Pedimos nossa bandeira
Para irmos a Belém
Ai, ai...
Para irmos a Belém
Ai, ai..."

Verso de despedida:

"Que encontro tão bonito Ai, ai... Que fizemo aqui agora Os Trêis Reis do Oriente São José e Nossa Senhora São José e Nossa Senhora Ê, ê, ê... A bandeira vai-se embora Ai, ai...
As fitas vão avoando
Se dispede do festeiro
Pra vortá no outro ano
Pra vortá no outro ano
Ê, ê, ê..."
(Pena Branca e
Xavantinho)

As fitas

A bandeira e os instrumentos são enfeitados com as fitas, que são de várias cores e todas têm uma representatividade. Sendo elas: Branca: Menino Jesus; Azul: Maria; Rosa: São José; Amarela: Ouro; Verde: Mirra; Vermelha: Incenso



Figura 7. As fitas enfeitando um dos instrumentos da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.

Fonte: Paulo Plá, 2014.

A Festa da Folia

Cumprida a missão e acabada a trajetória ou então chegado o dia 20 de janeiro, a folia de reis faz sua festa com o dinheiro arrecadado durante seu "giro".

Nessa Festa há a apresentação da folia na igreja do bairro São Pedro para as pessoas que ali estão presentes e é feita a Passagem da Coroa, é escolhido um novo rei e rainha que ajudarão de alguma forma a Folia durante o ano todo e durante o giro ou que seja muito devoto ou goste demais da Folia e estes serão os representantes da folia durante o ano, enquanto ela não está saindo em seu "giro". Esses reis são escolhidos antecipadamente pelos foliões e por votação, porém, as pessoas de fora e os próprios escolhidos não ficam sabendo, apenas na hora da passagem da coroa é que se revela quem são os novos reis.

E com o ajutório arrecadado é feito um almoço na igreja do bairro São Pedro para a comunidade e para as pessoas que a folia foi às casas e não são do bairro, este almoço é gratuito e para comemorar o novo reisado e mais um ano de "giro". No almoço normalmente é servido arroz, tutu de feijão, pernil e frango assado, macarronada, salada, vinho e refrigerante, comidas típicas da zona rural da região, já que é a maioria dessas pessoas que vai ao almoço. Depois de servido o almoço, é dado, principalmente às crianças, pipoca doce, pirulito, bala, chiclete para alegrar a criançada. Como nunca se sabe ao certo o número de pessoas que vai à festa, faz-se comida a mais do que o estimado

e quando sobra, o que normalmente acontece, é levado logo após o término da festa à Vila Vicentina para que os idosos que moram lá possam jantar e de alguma forma participar da folia.



Figura 8. Festa da Folia – Passagem da Coroa.

Fonte: Rosana Pereira, 2012.

Depois de feita a festa é encerrada a missão da folia de reis naquele ano e apenas após o natal é que a folia sairá em seu giro novamente. Para não perder sua essência e não cair nas mãos de políticos que dissimulam se preocupar com a manifestação e a história da cidade, a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira não se apresenta fora de sua época em praças, dia do folclore na cidade, em eventos fechados, abre-se exceção apenas quando alguma escola pede para que a folia vá mostrar aos estudantes essa manifestação. Isso com o intuito de tentar mostrar suas raízes aos estudantes e o quanto é importante mantê-las.

É visível na Folia de Reis ver a fronteira entre essa manifestação ser folclórica ou religiosa. Na zona urbana essa manifestação normalmente é vista como folclore, tradição e história, a maioria gosta de receber a folia para manter a sua história viva, sem muitos laços emocionais; já na zona rural vê-se claramente que a folia de reis é vista como um rito religioso, onde várias pessoas recebem a bandeira de joelhos, que choram durante a apresentação da folia, fazem promessas aos Santos Reis ou fazem questão de oferecer um café, almoço ou jantar para os foliões e muitas vezes essas pessoas da zona rural não têm nem noção de que a folia é também uma manifestação folclórica. Para os foliões essa manifestação é também folclórica, carrega a história de seus antepassados e consequentemente da sua cidade, é uma tradição, mas é também e acima de todas as outras coisas vista como algo sagrado, intimamente relacionada à religião, caso contrário não restariam foliões em folia alguma, pois há vários momentos de exaustão, que só sendo devoto e acreditarem que o que fazem é uma religiosidade e terem fé nos Santos Reis, que os dão força para continuarem, caso contrário desistiriam

facilmente. Há relatos de foliões que antes de entrarem para folia não tinham crença nenhuma, entraram para manter uma tradição, mas que após presenciarem alguns episódios de fé de um povo, perceber que há algo de sagrado no que estão fazendo, tornaram-se crentes nessas "sobrenaturalidades", mesmo que para alguns deles seja a Folia a Reis sua religião.



Figura 9. Visita da Folia – Onde a Folia é considerada religião.

Fonte: Rosana Pereira, 2014.

Conhecendo como funciona o ritual de uma Folia de Reis é possível perceber, que essas manifestações também carregam uma importante dimensão espaço-cultural, já que a partir dela podem-se identificar territorialidades; saber qual território está sendo falada ou pesquisada; há a formação de territórios mesmo que imaginários, mas que traz consigo uma identidade, um enraizamento; há a partir do espaço abrangido pela folia de reis uma identidade cultural e um pertencimento a um grupo de que recebe ou faz parte da manifestação.

(...) Ela passa a ser importante porque ela é da folia de reis ou porque ela é visitada pela folia de reis. Então isso transforma a pessoa, isso tráis... dá pra pessoa uma noção de, de pertencimento, isso dá pra pessoa uma noção de que se juntarmos em grupo a gente é mais forte, isso tráis pra pessoa, dá pra pessoa uma noção de capacidade." (Ronaldo Pereira – Mestre da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira)

Outro fato importante também é o sentimento de pertencimento que os foliões têm em participar, é para eles parte de sua identidade cultural e quando eles são reconhecidos pelo seu "trabalho" e esforço em uma linha de igualdade, mesmo havendo o mestre e contramestre, todos os foliões são considerados essenciais. Há dentro da folia uma consciência de coletivo dos mutirões, já que isso é explicitamente praticado pelos foliões e a partir disso se torna também externo, pela Festa da Folia, já que a festa é feita pela comunidade e os foliões, o que leva a sociedade a perceber a importância da união, que ainda existe um espírito de cooperação entre as pessoas e acaba ajudando

também a estreitar os laços entre os indivíduos, que cada vez mais pensa e age de uma mesma forma, numa sociedade de consumo massificado.

Já o que eu vejo é que o sistema que existe hoje, inclusive do capital, ele prega isso e quer que a gente fique sozinho, que a gente seja um indivíduo é mais frágil porque o indivíduo mais frágil é o mais fácil docê dominá, docê tranformá né, então o que a gente luta é contra isso e essa luta tem sido muito, muito satisfatória, vale muito a pena a gente sabê que pras pessoas a gente tá levano o sagrado, a gente têm o poder de levá o que benze à casa das pessoas e tê um retorno da satisfação, da esmola e depois podê fazê uma festa, da uma festa pras pessoas, isso é muito satisfatório. Eu sempre gostei e sempre vô gostá de rezá desse tipo, dessa manêra, rezá com bastante gente, visitano, rezá com café na mesa, rezá com esses elementos que é o que a humanidade há muitos anos trabalha, com comida, então isso é muito, muito, muito gratificante. (Ronaldo Pereira – Mestre da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira).

Conforme referido, a Folia de Reis é uma cultura popular que é passada de geração a geração, e que é dependente disso, ou seja, se o filho não se interessar em continuar com a manifestação, ela provavelmente acabará.

(...) Porque minha mãe era uma pessoa que gostava demais, nossa então ia ela ficava emocionada né quando ia na casa dela. Passou pra gente tamém, agora a gente passa pros nossos filhos e espero que nossos filhos passem pros neto tamém né. Eis são muito bonito, a Folia de Reis, é uma tradição muito bonita. Ah, falou que a Folia de Reis chegou as menina aqui em casa já fica "Nossa mãe, a Folia ta ai cantano né.", então é muito bonito, uma tradição muito bonita. (MARIA INÊZ – Recebe a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira em sua casa há anos).

Através das entrevistas e dos relatos de foliões, ex-foliões e pessoas que há muitos anos recebem a folia em suas casas, é possível perceber os motivos pelos quais hoje as manifestações folclórico-culturais e religiosas foram se perdendo, restando uma única Folia de Reis no município de Itajubá-MG. Os fenômenos de urbanização e modernização material e cultural são motivos que alavancaram e mudaram a dinâmica folclórica e religiosa, em função de novos compromissos e interesses atuais, indicando processos de reterritorialização:

A gente nota que é... a presença do que, entre aspas, chamam de modernidade vem trazeno grandes prejuízos pra essas manifestações, não é a toa que só nóis estamos fazeno folia na cidade, numa cidade que tem noventa e cinco mil habitantes, isso pra Minas Gerais é uma, é uma... é alguma coisa muito fora dos padrões. E a gente nota tamém que a proximidade com a grande capital São Paulo, por exemplo, que é a grande capital do país né, uma grande capital que presa e prega o trabalho, o trabalho duro, o trabalho que cê pega e tem que tomá trêis ônibus e a sua vida vira o trabalho, e a gente sente uma influência disso assim, nas cidade que tão muito no limite né, é daqui de Itajubá ou da sede da folia mais trinta e cinco quilômetros cê tá na divisa, cê tá no estado de São Paulo e com duzentos e cinquenta, duzentos e quarenta quilômetros cê tá na cidade de São Paulo. Então isso trouxe grandes prejuízos, a cidade perde sua identidade, é identidade cultural, tentano ser uma coisa que não consegue ser e esqueceno do que era, então isso tráis um prejuízo muito grande e é contra isso que a gente tenta lutá. (RONALDO PEREIRA — Mestre da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira).

Com a introdução cada vez maior de um modo de vida urbano, as pessoas passaram a ter que trabalhar mais para conseguirem sustentar o que acham que é uma necessidade, mas que na maioria das vezes apenas consumismo, e isso acarreta uma vida corrida, estressante, não se tem mais tempo para educar, cuidar e brincar com seus filhos, se divertir, conhecer coisas e lugares novos, ter uma vida mais social, não se têm tempo para mais nada e isso reflete também nas manifestações folclórico-culturais e religiosas. Esse estranhamento em que essa sociedade, principalmente urbana, acaba por causar um desinteresse ou falta de conhecimento sobre sua cultura tradicional.

Então a gente vê assim, o momento atual é a parte urbana, não sei, a falta de tempo né. A gente assim, o pessoal parece que é muito ocupado, antigamente o pessoal estudava menos né, hoje o pessoal já vai mais pra escola, então parece que o trabalho também né parece que toma muito tempo, o pessoal parece que vive sem tempo "correno" pra lá e pra cá né. Então a gente vê que, baseado em vocês né, por exemplo, né, um estuda uma coisa, outro estuda outra, então um foi "trabaiá" num canto, ai tiveram até que parar um tempinho né. (TONINHO – Recebe a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira há muitos anos em sua casa).

Outro motivo desencadeador de perda da identidade cultural, desterritorialização da cultura local é a cultura massificada que é imposta pela mídia, não há mais uma identidade cultural própria há uma imposta, transformada em mercadoria, e que a maioria das pessoas sequer entende. Há casos também de falta de divulgação, já que os meios de comunicação em massa não relatam estas manifestações folclóricas religiosas, e grande parte da sociedade vê apenas o que é transmitido por esses meios e através disso as novas gerações (os jovens, futuros disseminadores e seguidores da tradição) não têm o conhecimento desse tipo de manifestação e, portanto não têm como gostarem, seguirem ou fazerem parte destes grupos.

Apesar de todos esses motivos e das transformações na sociedade, a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira conta com oito crianças que participam efetivamente, todos filhos dos foliões. E isso dá aos foliões uma esperança de que a manifestação pode ter um futuro, que tem chances de haver uma continuidade, pois está sendo feito a passagem do saber dessa manifestação às novas gerações e isso já os faz crer que há perspectiva.

Além desses problemas já citados, ainda há falta de interesse também por parte da Prefeitura, não há apoio algum a esta manifestação. Os políticos da cidade não têm compromisso efetivo, uma vez que poderia trazer mais foliões para a cidade. Há exemplos de várias cidades onde há manifestações como esta e que a Prefeitura soube utilizar muito bem delas sem interferir na sua tradição, como é o exemplo da cidade de Boa Esperança – MG, onde há um encontro de folias e reuni grande número de pessoas. Porém, é importante ter cautela com estes apoios dados pela Prefeitura, não se deve alterar o calendário da manifestação apenas para atrair turistas, deve-se manter a tradição e deixar a folia de reis ser feita normalmente, mas haver uma maior divulgação dentro e fora da cidade sobre essa manifestação.

As pessoas que conhecem e participam da Folia de Reis admitem a importância da disseminação e do acesso a esta manifestação, a importância na área histórica, geográfica, cultural e social. Enquanto que o desconhecimento, seja por qual motivo for, é uma perda, por deixarem de entender e aprender sobre sua própria história e terem a chance de fazer parte dela.

Muito porque elis num conhece né a cultura, porque isso é uma cultura. Uma coisa que vem de tráis dos avós da genti, dos pais da genti, uma cultura que não podia acabar. As criança tão crescendo hoje, que tão nascendo ai, que elis conheçam tamém né a Folia de Reis, porque é uma coisa muito boa. (ZÉ BARBEIRO – Ex bandeireiro da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sociedades tradicionais apresentam um territorialização mais definida, com aspectos de identidades, pertencimento e afetividades com o território que habitam; já as sociedades mais globalizadas apresentam-se mais desenraizadas com os lugares em razão da formação dos atuais territórios em rede, da fluidez econômica, da facilidade de deslocamento para distintas partes do mundo e da tecnologia. As sociedades capitalistas mais globalizadas reestruturam constantemente a dimensão cultural, portanto seria necessária uma conscientização sobre a importância da história, geografia e cultura para se ter mais possibilidades de constituição de identidades mais significativas.

Notou-se que na zona rural a receptividade e importância dada à Folia de Reis Fulô da Mantiqueira é bem maior do que na zona urbana. Isso acontece pois mesmo toda a lógica produtivista que também chega à zona rural, há uma visão e assimilação de forma diferente, devido a toda história que os bairros rurais carregam. A importância dada às novas tecnologias, por exemplo, é menor, levase ainda em conta os maiores vínculos com a vizinhança, o sentimento de coletividade e a religiosidade. Isto acontece na zona urbana de uma forma menos significativa, devido à diferença de vivências e percepções existentes.

O que também é possível perceber é que a identidade cultural é de grande importância para a sociedade, fazendo com que se constitua territorialidades na época que a Folia de Reis faz seu giro e que constitui um território "marcado" para as comunidades e isso ajuda a um melhor desenvolvimento dos indivíduos ali localizados.

É possível perceber que o embotamento dos fatos folclóricos de uma sociedade está muito mais ligado aos sinais vivos da vida social, econômica e política do que em algum problema nessa cultura. Explicar fatos folclóricos sem levar em conta o ser humano, é uma tarefa muito difícil, pois é através dele e de sua condição de vida que se produz o folclore. E por essa condição é que esses estudos tornam-se tão complexos, pois dependem de tantas outras áreas do conhecimento.

Como o objetivo principal da geografia cultural é entender e descrever as relações humanas e as transformações que causamos no meio natural e social, é de suma importância trabalhos de resgate das relações humanas que ainda mudam as paisagens existentes mesmo nessa sociedade produtivista. E isso nos ajuda a também entender a sociedade atual, sua modernidade, atos e necessidade.

Por tudo que essa manifestação cria e resgata em um indivíduo, por todas as mudanças que consegue fazer em uma sociedade e assim por todas as modificações feitas na territorialidade, o resgate deste patrimônio imaterial, a busca de novos participantes é tão importante, tanto para a sobrevivência da crença e da cultura local, como para o real desenvolvimento desses territórios, que aos poucos vão se diluindo na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BAGLI, Priscila. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 81-109.

BRAGA, R. S.; KAMIMURA, M. L. A. A importância da folia de reis como tradição identitária do Município de Canápolis – MG. In: **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 2, n. 3, 2010.

BRANDÃO, R. C. A cultura na rua – Editora Papirus. Campinas, 1989.

BRANDÃO, R. C. O que é folclore. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, R. C. **Repensando a pesquisa participante**. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e desafios. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

CORRÊA, L, R. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. In: **Revista Espaço e Cultura**, Ano I, 1995.

CORRÊA, L, R. ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: uma antologia. Volume I.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

CORREA, L, R. ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: Um Século (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à Geografia Cultural.** 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GOMES, P. C. C. Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, R. C. A. Em nome dos Três Reis Santos: A recriação da folia de reis no município de São Carlos – SP, sob uma perspectiva geográfica cultural. In: 1º Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo/SIMPGEO-SP, de 17 a 19 de setembro de 2008.

HAESBERT, R. Territórios alternativos. Rio de Janeiro: EdUFF, 2002.

HALL, S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 11.ed. Rio de Janeiro: DPeA Editora, 2006.

HARVEY, D. Espaços de esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MCDOWELL, L. A transformação da geografia cultural.in: GREGORY, Derk et al. **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 159-188.

MEGALE, N. B. Folclore Brasileiro. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, B. L. Fenomenologia, semiótica e geografia da percepção: Alternativas para analisar o espaço geográfico. In: **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v.4/5, Sobral, 2002/2003. p. 67-79.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: Uma abordagem geográfica.** 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

TUAN, Y. Espaço e lugar. São Paulo: Difel, 1983.

VAN DER POEL, F. **Dicionário da religiosidade popular: Cultura e religião no Brasil**. Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2013

WILLIAMS, R. Cultura. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000